

# Leitura, do consumo ao diálogo

Roberto Goto<sup>1</sup>

---

## Resumo

Este trabalho explora alguns aspectos da leitura no campo de intersecção da Filosofia e da Literatura. Levanta como questão central a oposição entre a leitura como consumo e a leitura como diálogo, tomando como (pre)textos alguns escritos expressivos de Platão, Descartes e Schopenhauer.

## Palavras-chave

Leitura; consumo; diálogo; mortos; vivos.

## Abstract

This work explores some aspects of reading in the Philosophy's and Literature's intersection field. The main question that it sets up is the opposition between reading as consume and reading as dialogue, taking as (pre)texts some expressive writings by Plato, Descartes and Schopenhauer.

## Keywords

Reading; consume; dialogue; dead; alive.

## I

Tentarei, neste artigo, explorar a leitura como um campo comum à Filosofia e à Literatura. Com efeito, em ambas trabalhamos com textos, o que implica necessariamente a questão da leitura. Neste caso, é não só desejável como inevitável que inicie a exploração pela leitura de

alguns textos. Escolho trechos de três deles, de autoria de filósofos de diferentes épocas. Pela ordem cronológica, em primeiro lugar, de Platão (c. 428 a.C. – c. 348 a.C.), um trecho do diálogo *Fedro*, no qual Sócrates (c. 470 a.C. – 399 a.C.) dialoga com Fedro a respeito da escrita:

É que a escrita, Fedro, é muito perigosa e, nesse ponto, parecidíssima com a pintura, pois esta, em verdade, apresenta seus produtos como vivos; mas, se alguém lhe formula perguntas, cala-se cheia de dignidade. O mesmo passa com os escritos. És inclinado a pensar que conversas com seres inteligentes; mas se, com o teu desejo de aprender, os interpelares acerca do que eles mesmos dizem, só respondem de um único modo e sempre a mesma coisa. Uma vez definitivamente fixados na escrita, rolam daqui dali os discursos, sem o menor discrimine, tanto por entre os conhecedores da matéria como os que nada têm que ver com o assunto de que tratam, sem saberem a quem devam dirigir-se e a quem não. E no caso de serem agredidos ou menoscabados injustamente, nunca prescindirão da ajuda paterna, pois por si mesmos são tão incapazes de se defenderem como de socorrer alguém. (PLATÃO, *Fedro*, 275d-e).

Em segundo lugar, um trecho da primeira parte do *Discurso do Método*, em que René Descartes (1596-1650), após confessar que, terminando seus estudos, percebera que não havia tirado outro proveito senão o de ter descoberto sua ignorância, afirma:

Não deixava, todavia, de estimar os exercícios com os quais se ocupam nas escolas. Sabia que [...] a leitura de todos os bons livros é qual uma conversação com as pessoas mais qualificadas dos séculos passados, que foram seus autores, e até uma conversação premeditada, na qual eles nos revelam tão-somente os melhores de seus pensamentos. (DESCARTES, 1973, p. 39).

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da Unicamp. Doutor em Letras (1994) e em Educação (2003) pela Unicamp. Endereço: Av. Bertrand Russell, 801 – CEP 13083-865. Telefone: (19) 3521-5608. E-mail: goto@unicamp.br

Em terceiro, cito um trecho de um ensaio de Arthur Schopenhauer (1788-1860), “Sobre livros e leitura”, capítulo 24 de sua obra *Parerga und Paralipomena*.<sup>2</sup>

291. Quando lemos, outra pessoa pensa por nós: só repetimos seu processo mental. Trata-se de um caso semelhante ao do aluno que, ao aprender a escrever, traça com a pena as linhas que o professor fez com o lápis. Portanto, o trabalho de pensar nos é, em grande parte, negado quando lemos. Daí o alívio que sentimos quando passamos da ocupação com nossos próprios pensamentos à leitura. Durante a leitura nossa cabeça é apenas o campo de batalha de pensamentos alheios. Quando estes, finalmente, se retiram, que resta? Daí se segue que aquele que lê muito e quase o dia inteiro, e que nos intervalos se entretém com passatempos triviais, perde, paulatinamente, a capacidade de pensar por conta própria, como quem sempre anda a cavalo acaba esquecendo como se anda a pé. Este, no entanto, é o caso de muitos eruditos: leram até ficar estúpidos. Porque a leitura contínua, retomada a todo instante, paralisa o espírito ainda mais que um trabalho manual contínuo, já que neste ainda é possível estar absorto nos próprios pensamentos. (SCHOPENHAUER, 1993, p. 17-19).

Esses textos parecem-me ilustrar, de forma bem contrastante, as três posições possíveis e mais significativas da relação entre o leitor e o texto escrito, relação a que se dá o nome de leitura. Nas palavras que Platão atribui a Sócrates como personagem do diálogo intitulado *Fedro*, o texto escrito aparece como passivo e o leitor como ativo: este faz perguntas ao primeiro, o qual, entretanto, nada responde; depende sempre do autor, até mesmo para se defender de eventuais ataques. Em outras palavras, para o Sócrates platônico não há nem é possível haver interlocução entre o leitor e o texto escrito, pelo menos não a interlocução filosófica – ou seja, o diálogo – que permite ou propicia a busca da verdade.

Já Descartes, que revela no *Discurso do Método* ter sido educado em meio aos livros – “Fui nutrido nas letras desde a infância” –, admite não só a possibilidade como a efetividade dessa interlocução:

a leitura, para ele, é uma conversa com os autores dos livros, inclusive e, talvez sobretudo, com os que já morreram – conversa em que prevalece o que de melhor os escritores tinham a dizer.

Quanto ao texto de Schopenhauer, mostra o reverso do que Sócrates afirma: um leitor passivo e um texto ativo, que se impõe sobre aquele; quanto mais livros alguém lê, menos pensa por si mesmo. Se aplicarmos expressões do nosso dia a dia ao que Schopenhauer escreve, diremos que, para ele, os livros “fazem a cabeça” dos leitores no pior sentido do termo, quase naquilo que chamamos de “lavagem cerebral”.

## II

Proponho agora confrontarmos essa primeira – e resumida – leitura dos textos citados com a situação mais comum ou ordinária relacionada à questão da leitura, nos dias atuais. Podemos dizer que, de modo objetivo, a leitura aparece sob o signo do consumo, a terceira etapa de um ciclo que começa com a produção do livro e passa por sua distribuição e comercialização. Isso significa que, em nosso mundo, o livro se impõe em primeiro lugar como uma realidade econômica, apresentando-se como um produto a ser consumido. É evidente que esse consumo não se dá literalmente da mesma forma que o consumo, por exemplo, de alimentos. Mas nossa cultura oferece metáforas que dão o livro como “alimento do espírito”: o próprio Descartes emprega a expressão “nutrir-se nas letras”.

O que significa, mais concretamente, alimentar-se de livros? Há alguma semelhança que aproxime tal alimentação da alimentação propriamente dita, isto é, orgânica, corporal? Nesta última ocorre o seguinte processo: colocamos o alimento na boca, em geral o mastigamos, reduzindo-o a pedaços menores; em seguida o deglutimos e ele é processado pelo estômago, passando aos intestinos, os quais absorvem os elementos nutrientes; o que não é incorporado pelo organismo é expelido na forma de massas fecais.

Para sermos coerentes com a ideia de consumo, devemos dizer que a leitura também é um processo de alimentação? Em tal caso,

2 Cf. o Prefácio da obra citada, escrito pelo tradutor Philippe Humblé: “algo como ‘Assuntos secundários e pensamentos diversos’”.

primeiro “mastigaríamos” o livro, ou seja, analisaríamos seu conteúdo, reduzindo-o às suas partes elementares; em seguida, incorporariamos as ideias assim decompostas e, por último, expeliríamos o restante, isto é, o que sobrou do processo e que não nos serve. Em última análise, será que o processo de leitura também produz suas fezes, metaforicamente falando?

Talvez a resposta deva ser *sim*. Pois, por exemplo, não se fala no *livro descartável*? E um livro descartável não é aquele que, depois de lido, é jogado fora ou vendido para um *sebo* qualquer? Os que fazem isso não estão (des)classificando simbolicamente esses livros como uns montinhos de fezes? É como se dissessem: *elas não nos servem mais, já tiramos deles tudo que podiam dar*.

E será que não devemos admitir que essa é a consequência lógica, por assim dizer, do ato de realizar a leitura como consumo? Mas é o caso de perguntar: ler efetivamente um livro é consumi-lo? A leitura deve realizar-se como consumo?

Se dirigirmos essa pergunta ao texto de Schopenhauer, ele por certo responderá que, concretamente, a leitura se dá como uma relação de consumo, mas no sentido contrário ao do que costumamos entendê-la atualmente, pois o consumido para ele não é o livro, mas o leitor: é este que se consome ou mesmo *some* no processo de leitura, já que tem o espírito tomado e dominado por aquilo que lê, não pensa por conta própria e, em última instância, perde sua identidade, ou seja, desaparece como indivíduo, deixa de ser o que é ou era – torna-se estúpido, um mero campo de batalha de ideias alheias, em suma, uma mente vazia de ideias próprias. Nesse caso, o que sobra do processo, quem se transforma num resto, não é o livro; é o leitor.

Interpretado em tal sentido, o escrito de Schopenhauer mostra a que ponto a leitura conduz quando praticada como uma relação de consumo. É o caso de notar que a passividade referida por ele de forma alguma é estranha a essa relação. Pelo contrário: quando consumimos algum alimento, apenas boca, estômago, intestinos entram em ação; não precisamos dar tratos à bola, ou seja, acionar operações cerebrais e mentais mais complexas, de forma que o processo todo se dá, em boa parte, de forma inconsciente. É certo que, se alguém quer ler um livro do mesmo modo que consome um alimento, procurando evitar que o cérebro e a mente trabalhem de forma mais

consciente, acaba sendo como o leitor descrito por Schopenhauer, que é, em resumo, um leitor que lê sem pensar, um leitor que apenas absorve o que os livros lhe apresentam, isto é, absorve palavras como seu organismo absorve alimentos, de forma pouco consciente.

### III

Podemos e devemos retomar aqui a pergunta que antecipamos há pouco: é isso que devemos entender por *leitura*? A leitura, propriamente falando, no seu sentido mais autêntico, deve ser mesmo uma relação de consumo? O texto de Descartes aponta para o *não* como resposta e, se avançarmos em sua interpretação, diremos que ele indica a viva possibilidade de a leitura ser uma rica e proveitosa relação dialógica. Ler livros, segundo ele, é conversar com seus autores, inclusive dos séculos passados, portanto física e organicamente já mortos. Mas acrescentamos: vivos culturalmente, vivos para o leitor. O que os faz viver e serem interlocutores desse leitor, vivo inclusive no sentido orgânico? Por certo não é propriamente o livro, ou apenas ele; o próprio livro pode ser considerado morto, se não é lido. A vida de um autor, culturalmente falando, não está nem pode ser estabelecida antes do ato e da relação de leitura, mas é só por esse ato e pela relação que ela se dá. Portanto, a leitura tem a virtude, talvez o poder, de fazer um autor (re)viver e, nessa medida, de torná-lo interlocutor do leitor. Mas, se quer estabelecer essa relação dialógica, a leitura não pode ser uma relação de consumo, pois esta é uma espécie de toque de Midas, que transforma o animado, o vivo, em inanimado; portanto, opera o oposto de uma relação de leitura tomada e praticada como relação dialógica.

Resta examinarmos o significado da fala de Sócrates nesse contexto. Verificamos que o filósofo por excelência do diálogo acusa o texto escrito de ser infenso ao diálogo. Aí também temos uma oposição entre o morto e o vivo: este é o diálogo falado, concreto, atual, em que as perguntas e as respostas se sucedem, como dizemos hoje, *em tempo real*; em relação a esse diálogo vivo, o escrito pode ser considerado morto, isto é, fixado de uma vez por todas, imobilizado, por isso incapaz de responder ao que o leitor lhe pergunta.

No entanto, é preciso considerar algo mais do que a fala de Sócrates. Em primeiro lugar, esse Sócrates não é alguém literalmente

vivo que esteja conversando conosco, mas personagem de uma obra em forma de diálogo provavelmente escrita por alguém chamado Platão. Em segundo, ele não fala propriamente; suas palavras existem e podemos dispor delas numa relação de leitura porque foram escritas e são periodicamente impressas em livros, isto é, fixadas no papel ou em outra superfície material similar. Em terceiro, o conteúdo do que lhe é atribuído como fala pode ser, e efetivamente é, interpretado de distintos modos e em distintos sentidos pelos leitores da obra na qual ela se apresenta e, portanto, adquire significados diversos ao longo das leituras feitas – o que sugere que, afinal de contas, mesmo esse Sócrates, que diz para sempre o que diz, pode estar dizendo para um leitor algo diferente do que diz a outro, ao passo que cada leitor pode estar dialogando a seu modo com esse mesmo Sócrates, que é simultaneamente esse outro Sócrates.

#### IV

Tudo isso é problemático e mesmo inquietante? Penso que sim. Mas justamente porque, nesses casos, a leitura é trabalhada como diálogo entre o texto e quem o lê. Apenas quando se trata a leitura como consumo é que ela proporciona o alívio mencionado por Schopenhauer. No entanto, é o alívio de quem não pensa, de quem se deixa atravessar, por assim dizer, pelos pensamentos alheios, sem retomá-los, sem repensá-los ou sequer pensá-los por sua vez. Esse não é o processo da verdadeira e autêntica leitura. Esta não pode passar sem o trabalho do pensamento e da interpretação. E quando digo trabalho, quero frisar que se trata de um processo realmente trabalhoso.

Esse trabalho tem a ver com o caráter essencialmente dialógico da leitura. É certo que normalmente há ou pode haver prazer em dialogar, mas esse prazer nunca ou quase nunca dispensa o trabalho de tentar compreender o que diz o outro, o esforço de pensar sobre o que ele diz, de responder suas perguntas, de apresentar-lhe questões etc. A leitura é, portanto, uma relação em que a outra pessoa é o texto, mais que seu autor – pois é com o texto que debatemos, é com sua compreensão que nos debatemos, isto é, nos esforçamos. É por isso que, uma vez que travamos tal relação, não descartamos o livro, não o jogamos fora depois de lê-lo uma vez. Nós o depositamos

numa estante, criando a possibilidade de voltarmos a nos encontrar com ele em outra ocasião. E se isso acontece, por necessidade ou por acaso, é como se reencontrássemos a mesma pessoa para uma nova conversa; aí verificamos que ela não é exatamente a mesma do encontro anterior, pois encontramos ou descobrimos outros significados no que ela diz – e, com essa palavra *outros*, aponto tanto para significados adicionais, que se acrescentam aos anteriores, quanto para significados diferentes, que alteram os anteriores ou se sobrepõem a eles, ou ainda entram em conflito com eles.

Na mesma medida em que envolve e exige o trabalho da interpretação, o diálogo implicado na relação de leitura resulta mais livre que o diálogo vivo, isto é, falado, circunscrito num tempo e num lugar. Em geral, a fala do outro deixa poucas opções: por exemplo, já se apresenta com seus próprios acentos e ênfases; se não percebemos o que o interlocutor quer enfatizar, em que sentido mais preciso está empregando uma palavra ou outra, pedimos que repita ou esclareça o que quer dizer. Já a escrita permite e mesmo impõe que façamos nossas escolhas: por exemplo, podemos enfatizar uma palavra ou um trecho do texto escrito, iluminando-o mais que os outros, isto é, prestando-lhe mais atenção. Ao mesmo tempo, não se trata só de escolher, pois o processo do diálogo exige que as escolhas sejam fundamentadas, mesmo que *a posteriori*, ou seja, depois de realizadas. Em outras palavras, somos responsáveis por nossas interpretações, por nossas escolhas interpretativas: se dizemos que um determinado texto diz ou quer dizer algo, somos chamados a argumentar sobre esse algo, a explicar por que pensamos assim e não de outra forma.

#### V

Essa liberdade e essa responsabilidade não só fazem parte do trabalho da leitura como o tornam, em certo aspecto, angustiante, pois a todo o momento, no processo da leitura, temos de tomar decisões. Os textos de Platão e de Schopenhauer são, pelos paradoxos que carregam, particularmente provocativos. Note-se que, ao dizer que são paradoxais, já escolhi e decidi por uns sentidos em detrimento de outros; portanto, já comecei por aí minha interpretação. A meu ver, ambos os textos põem o leitor num dilema referente à pró-

pria leitura. Se os tomo, digamos, ao pé da letra, pelo que propõem literalmente, me inclino a *não* lê-los: no caso do texto de Platão, porque incrimina a escrita; no caso do texto de Schopenhauer, porque desqualifica a leitura. Se leio este último, posso ser considerado por ele mesmo um estúpido, já que ler, no caso, é deixar que outra pessoa pense por mim. Se leio o que escreveu Platão, desautorizo o próprio texto, pois como levar a sério um autor que ataca a escrita, recorrendo a ela, isto é, escrevendo?

Em outras palavras, se estabeleço com esses textos uma relação de consumo, vou estranhá-los. Vou pensar mais ou menos assim: *Mas o que esses sujeitos querem? Um escreve contra a escrita; mas, então, por que escreve? O outro diz que gente que lê fica mais estúpida, porque não pensa por conta própria; então, não vou ler o que ele escreveu.* Minha reação mais provável será a de deixar ambos os textos de lado e esquecê-los. Mas, se estabeleço com eles uma relação de leitura, que é uma relação dialógica, minha primeira disposição será a de procurar compreender o que eles dizem e, sobretudo, por que o dizem. Aí me encontrarei com figuras comuns a textos literários e a certos textos filosóficos, como os de Platão e Schopenhauer. São as figuras da ironia e da ambiguidade. Ao percebê-las, ao me encontrar e dialogar com elas, começo a compreender que textos como esses dizem ou querem dizer mais do que mostram à primeira vista; dizem, irônica e ambigualmente, uma e outra coisa, uma coisa e o seu contrário. É certo que provocam um estranhamento, mas sou envolvido nele e por ele, de modo que eu próprio mudo, altero-me, deixo de ser o eu de sempre. Mas esse estranhamento faz parte, justamente, da relação de diálogo: o texto irônico e ambíguo, que é o mais rico do ponto de vista da arte literária, é o texto que provoca estranhamento, que desautomatiza, que desmonta meus automatismos e me desperta ou me desafia para que eu realize outros gestos intelectuais, para que descortine outros horizontes e perspectivas culturais.

Contudo, nada disso ocorre se me mantenho na passividade e nos automatismos da relação de consumo, como se me bastasse abrir o livro e lançar a vista sobre o que está impresso nele para o cérebro processar a leitura automaticamente, trabalhando exatamente da mesma forma que o estômago quando esse processa os alimentos. Pelo contrário, na leitura como relação dialógica entre o leitor e o texto, não

há piloto automático. Em primeiro lugar, é preciso estar aberto a situações de ironia e ambiguidade, ou seja, é preciso deixar-se estranhar, em vez de estranhar o texto e chutá-lo para escanteio. Depois, é necessário dispor-se a explorar a ironia e a ambiguidade, buscando caminhos através delas. Podemos identificar esse tipo de leitor: é aquele que, de tempos em tempos, suspende a vista do livro e medita sobre o que leu, isto é, aquele que não percorre o caminho da leitura correndo ou andando apressado, querendo terminá-lo logo, mas que vai andando com vagar, apreciando cada passagem – ou paisagem – e parando várias vezes para pensar sobre o que viu e vê.

Se considerarmos o texto de Schopenhauer dessa perspectiva – ou seja, a perspectiva da ironia e da ambiguidade –, podemos ler em seu ataque à leitura e ao leitor erudito uma advertência para que procuremos pensar por conta própria na mesma medida em que lemos, o que se aplica inclusive ao texto dele. Assim, ficamos com dois valores ao mesmo tempo: se lemos até o fim o texto de Schopenhauer, ficamos sob a mira dele, isto é, somos criticados como leitores, mas ao mesmo tempo nos apercebemos de que podemos e devemos não só pensar por nós mesmos enquanto lemos, como também criticar o texto de Schopenhauer. No entanto, essa crítica é, também ela, ambígua ou ambivalente, pois de um lado foi suscitada pela crítica contida no texto, fazendo eco a ela, e de outro atinge tanto o texto quanto a nós mesmos.

No que respeita ao texto de Platão, se procurarmos nos relacionar de forma semelhante com ele, provavelmente admitiremos, com o personagem Sócrates, que o discurso escrito não se presta à busca da verdade e do bem, assim como não ensina a quem o lê, inclusive porque pode cair em quaisquer mãos, tanto dos que se dispõem a entendê-lo quanto dos que tendem a menosprezá-lo. Mas, justamente, se trilhamos o caminho da leitura dialógica, adotamos uma atitude ativa que nos permite conversar com o texto, compreendendo-o num contexto maior e aprendendo com ele na mesma medida em que ele *não* ensina.

## VI

Aí está o paradoxo que, a meu ver, caracteriza os textos filosóficos e, sobretudo, os literários, definindo, portanto, em certo sentido as

relações entre a educação, de um lado, e a Filosofia e a Literatura, de outro. De modo geral, como o Sócrates platônico deixa claro, os textos escritos não ensinam, o que podemos entender da seguinte forma: eles não funcionam como professores e educadores; se queremos instruções e diretivas precisas, perguntamos aos professores e educadores, e em boa parte dos casos eles nos respondem; mas, se fazemos o mesmo com os textos escritos, nós próprios temos de encontrar uma resposta, pois os textos não respondem como o fazem os professores e educadores. Se perguntamos a um texto: *em que sentido você diz isso?*; *que direção devo tomar?*; *como devo agir?* etc., ele nos responde, mas abertamente, levando-nos a novas perguntas, de modo que a resposta final só pode vir de nós mesmos. Nesse caso, voltamos ao texto, debruçamo-nos sobre suas frases e tiramos nossas conclusões. Como tais conclusões não saem da boca do texto – pois ele propriamente não tem boca –, mas são construídas por nós, mediante nossas escolhas e decisões interpretativas, somos nós os responsáveis por elas. Em outras palavras, no fim das contas, não podemos responsabilizar ou culpar um texto por uma conduta ou por uma opinião nossa, assim como alguns

fazem em relação a professores e educadores, responsabilizando-os pelo que fazem, pensam ou são.

Portanto, aprendemos quando lemos, sem que, no entanto, o texto escrito ensine ou eduque. Ou melhor, podemos aprender, desde que tenhamos a boa vontade de dialogar com o texto, o que, como vimos, é algo diferente e talvez oposto ao ato de consumi-lo.

### Referências bibliográficas

- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril, 1973.
- PLATÃO. *Fedro*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1975.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre livros e leitura*. Tradução de Philippe Humblé e Walter Carlos Costa. Porto Alegre: Paraula, 1993.

Recebido em maio de 2009 e aceito em março de 2010.